

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

20 de Maio de 2022

SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR / 2016

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Mistura de som:* Nuno Carvalho *Assistência de imagem:* Paulo Menezes *Fotografias:* José Manuel Vasconcelos, José Manuel Costa Alves, Rosa Ramos, Jorge Gonçalves *Apoio:* Américo Silva, José Manuel Reis, Leonor Buescu, Rita Lopes Alves, João Pedro Mamede, Pedro Castelo Lopes, Martim Brion, Rita Lopes Alves, João Pedro Mamede *Com:* Sofia Areal, João Pedro Mamede, Martim Brion, José Manuel Vasconcelos, Jorge Silva Melo (voz), Max (cão) (não creditados).

Produção: Artistas Unidos, RTP (Portugal, 2016) *Direcção de produção:* Manuel João Águas, Andreia Bento, João Meireles *Primeira apresentação pública:* 28 de Novembro de 2016, São Luiz Teatro Municipal (Lisboa) *Observações:* em 2015, JSM montou uma versão a que chamou PARA UM FILME SOBRE A ALEGRIA, mostrado a 12 de Outubro no Teatro da Politécnica em Lisboa, com o intuito de angariar financiamento para a conclusão do filme sobre e com a artista, então intitulado “Sofia Areal, um filme sobre a felicidade”, cuja rodagem teve início em 2011 *Cópia:* ficheiro digital, cor, 55 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

À PROECÇÃO SEGUE-SE UMA CONVERSA COM SOFIA AREAL, FILOMENA SERRA E MANUEL VILLAVERDE CABRAL

Vislumbra-se a nitidez do que no trabalho de Sofia Areal chamava Jorge Silva Melo em duas frases da narração *off* (a que pontua o filme no masculino, do autor), voltando a passagens já por si escritas e publicadas à volta da artista da geração mais nova entre os que foi filmando ao correr de uma história de afinidades. O texto, revelador, certo, justo, caloroso, é “como se fosse” uma declaração de amor ao trabalho de Sofia Areal – “Chama-se a isso a plenitude? Ou a musculação da vida?” – É quando se ouve “A sua pintura é a única estação. O instante do mundo” e à lembrança vêm belas obsessões de Jorge Silva Melo nos seus filmes: Ruy Belo na epígrafe de COITADO DE JORGE e a ideia de que era o Verão a única estação; a disponibilidade da juventude de que fala Álvaro Lapa em ÁLVARO LAPA: A LITERATURA; o desejo de captar a transitoriedade do instante perseguido em PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO, NINGUÉM DUAS VEZES, AGOSTO, COITADO DE JORGE. Em ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA, sua última ficção de longa-metragem em 2000, Jorge Silva Melo quis dançar com as transformações do mundo ao ritmo dos seus actores, mas até aí interessou-o atingir a formulação de Cézanne encontrada em Merleau-Ponty (dita em AGOSTO e citada variando anos a fio de entrevistas) – “Há um minuto do mundo que passa. Pinta-o como ele é.” Fazendo do movimento do instante expressão artística, sem o deter em representação acabada, o trabalho de Sofia Areal – é a minha hipótese – rompia e alinhava com Jorge Silva Melo, que sabia da melancolia total do azul da Prússia e da noite que se vence. Está no título do retrato, vem da retratada.

Principiando: a construção é circular, o movimento do filme acontece entre as duas imagens que fixam a montra onde, no primeiro plano, está o quadro redondo, espirais a vermelho e amarelo raiadas do mesmo branco da mancha lunar e luminosidade soalheira que, à direita, parece projectar esses traços. A pintura concentra a cor. No fundo de tonalidade cinzenta, a profundidade de campo abre o espaço de uma loja mostrando candeeiros, cadeiras, traves de madeira no tecto. Começamos no lugar onde Jorge Silva Melo deparou com Sofia Areal. Já contada no *Século Passado*, o livro de 2007, a história é narrada por ele no *off* anterior ao momento em que o enquadramento se detém na obra. Supomos que estejamos defronte da mesma montra democrática da outra história de montras contada no filme,

pela artista. De quando um polícia lisboeta se encantou com uma das suas telas exposta para a rua em que esteve de plantão do lado oposto noite após noite.

Também a Jorge Silva Melo aconteceu “Um quadro na noite”, título da sua crónica de 2001 no *Público*. Já numa época em que circulava de carro, idos os tempos em que via exposições quando andava a pé, na formulação em que faz coincidir a sua história com a de António Palolo no começo desse filme inaugural da “série-retratista” em meados dos anos 1990 (A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER). Terá sido na mesma década em que deparou com Sofia Areal, que no filme de 2016 fala de Palolo com saudade? Certo é que Jorge Silva Melo nos expõe a nós, espectadores de cinema, ao contacto com Sofia Areal em ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA (em casa de Teresa, a personagem de Isabel Muñoz Cardoso nesse filme, as telas são de Sofia Areal e Palolo). Certo é que no teatro a história começara antes, recuando a *Prometeu Agrilhado / Libertado* (encenação de 1997, com pintura de Sofia Areal). Certo é que além do cinema e além do teatro houve exposições de Sofia Areal que contaram com os Artistas Unidos – *Telefone-te Depois* (em 2003, na Galeria do Teatro Taborda) ou *360º ao Sol* (em 2005, no Palácio Nacional de Queluz). Certo é que num outro texto de 2001, Jorge escreve, “Porque é como se desde sempre e sempre eu a conhecesse, à Sofia Areal. Não digo a pessoa, digo o trabalho, como se desde sempre eu olhasse para os redemoinhos do mundo pelo torvelinho do seu lápis”.

Tão certo como tudo isto é que, se as artes plásticas acompanharam a vida de Jorge Silva Melo, intensamente desde 1963/64 quando calcorreava por Lisboa, e se ele as tomou no caminho documental da sua filmografia, também as manteve no horizonte da ficção, logo nos anos 80 de NINGUÉM DUAS VEZES cuja narrativa integra a preparação de uma exposição da pintora italiana Titina Maselli na Mãe d’Água de Lisboa (e as telas de Maselli são a nota garrida no ambiente cromático mais esbatido desse filme) e em que traz para dentro de um cenário o quadro do retrato da actriz Glicínia Quartin por Sá Nogueira, central nas CONVERSAS COM GLICÍNIA (2004). O diálogo com Sofia Areal vem portanto de antes, sendo este um filme de diálogos de Jorge Silva Melo com Sofia Areal, mesmo se a primeira pessoa de Sofia, como a primeira pessoa de Glicínia, se ouve mais distintamente. No caso de Sofia Areal, como se fosse um dínamo, geradora de corrente contínua capaz do gesto largo, fluente, destemido. No seu estúdio, uma oficina de artista.

Principiando outra vez: “E foi numa noite de Inverno, sim, numa noite fria de Inverno, que andando de carro por Lisboa, olhei [a imagem então quase abstracta, feita de rastos de movimento e lampejos de luz trava neste momento, perante o quadro] e vi numa montra um quadro vermelho e amarelo, redondo, da Sofia.” Pausa. “Da Sofia Areal.” O fundido a negro passa então ao genérico, pondo em marcha SOFIA AREAL: UM GABINETE ANTI-DOR. Perto do final, em fecho de círculo, quando voltamos – mas a cores – às mesmas imagens captadas no andamento de um automóvel feito plataforma para travellings, o plano volta a travar no quadro, enquanto se escuta: “E volta-me à lembrança aquela noite fria em que eu andava por Lisboa e estaquei diante de uma montra onde brilhava... a Sofia Areal.” O *off* de Jorge Silva Melo acompanha o filme, *ma non troppo*, porque neste retrato “tirado” no estúdio de Sofia Areal, é ela quem toma conta do filme, que se enche com a sua pintura, os seus desenhos, os seus gestos, o seu discurso, dela mesma. Questão de princípio, portanto. Não há verdadeiramente outros protagonistas, o filme ronda a obra artística dela, no espaço dela, à volta dela, das palavras dela. Jorge Silva Melo, que volta a não aparecer em campo – como não aparece noutros da “série-retratista” de artistas plásticos (os “de” António Sena e Ana Vieira), que fazem parte da sua biografia filmada intersectando biografias de outros –, olha o brilho de Sofia Areal, essa força, e está firmemente fora de campo.

Maria João Madeira